

ARENQUES FRESCOS OU MEU ÚLTIMO DESEJO¹:

Tomás de Aquino, Conhecimento de Deus, Prazer

FRESH HERRINGS OR MY LAST WISH:

Aquinas, Knowledg of God, Plesure

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento^(*)

RESUMO

Para o homem medieval e particularmente para os membros de alguma ordem religiosa, a primeira e mais importante relação do ser humano é certamente com Deus. Não se deveria também esquecer que a expansão ibérica se deu “dilatando a fé e o império”, como diz Camões. Ora, a relação com Deus pode encontrar, sem dúvida, várias formas de realização. No entanto, a mais elevada de todas é a da experiência de Deus, do conhecimento dele como desconhecido, visto que tal experiência não seria de ordem conceitual mas por meio da predileção divina (caridade), que encontra uma indicação privilegiada na experiência do tato e do gosto.

É dentro deste quadro que se propõe uma interpretação do conhecido desejo de Tomás de Aquino, em seus últimos dias, de comer arenques frescos. Será indicado o contexto do episódio na vida de Tomás e no ambiente cultural do século XIII.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Conhecimento de Deus, Prazer, Muçulmanos, Último desejo.

ABSTRACT

For the medieval man and particularly for the members of some religious order, the first and most important relation of the human being is certainly with God. It should not be forgotten that Iberian expansion took place "by dilating faith and empire," as Camões says. Now, the relation with God can undoubtedly find various forms of realization. However, the highest of all is that of the experience of God, of his knowledge as unknown, since such an experience would not be of conceptual order but through divine predilection (charity), which finds a privileged indication in the experience of touch and of taste.

It is within this framework that we propose an interpretation of the well-known desire of Aquinas, in his last days, to eat fresh herrings. It will be indicated the context of the episode in the life of Thomas and the cultural environment of the thirteenth-century.

Keywords: Aquinas, Knowledg of God, Plesure, Mussulmans, Last wish.

¹ Agradeço a professora Jeanne Marie Gagnebin des Bons a sugestão da primeira parte do título.

Texto apresentado em formato reduzido no XIV Congresso Internacional da SIEPM, realizado em Porto Alegre de 24 a 28 de julho de 2017.

^(*) Doutor em Estudos Medievais pela Université de Montréal. Professor titular aposentado do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

E-mail: carlosartnascimento@gmail.com

Alguns episódios do final da vida de Tomás de Aquino são bem conhecidos e quase sempre mencionados em suas biografias. Uma parte de tais episódios se deu durante sua última viagem com destino à cidade de Lião, na França, para participar do 14º concílio geral (2º de Lião), convocado pelo papa Gregório X para maio de 1274 (WALTZ, 1961, p. 289-297).

Tomás partiu de Nápoles no começo de 1274, acompanhado de seu secretário Reginaldo de Piperno e de Tiago de Salerno, encarregado de suas necessidades pessoais. Já não se encontrava bem; tanto assim que um repouso no castelo de São Severino, perto de Salerno, residência de inverno de sua irmã Teodora, lhe tinha sido imposto. Depois deste repouso, voltou a Nápoles e partiu para Lião. Percorrida parte do caminho, a comitiva decidiu fazer uma parada em Maenza, um pouco ao norte de Terracina. Aí, Tomás foi recebido por sua sobrinha Francisca, casada com o conde Anibaldo de Ceccano. Seu estado de saúde piora e o doente se mostra completamente inapetente. Transcrevamos o que diz Guilherme Tocco (1968, §57, p. 104-105):

Enfermo, desviou-se para o castelo de Maenza, que era da Senhora Francisca, sua sobrinha, onde perdeu totalmente o apetite, de modo que não podia provar nenhum alimento. Perguntado pelo médico, mestre João de Guido de Piperno, se apeteceria algum alimento, disse que não era capaz de provar nenhum alimento senão arenques que tinha comido em Paris²; o médico ficou preocupado sobre como poderia prestar ajuda a um tão grande doutor, enfermo, pois não poderia encontrar tais peixes. Saindo para o pátio do castelo, encontrou alguém que trazia de Terracina uma carga de sardinhas frescas. Tendo feito pô-la no chão para verificar se outros peixes estavam misturados com as sardinhas, encontrou um cesto de arenques frescos. Do que o médico ficou admirado, porque jamais tais peixes tinham sido vistos naquelas partes e porque o transportador dos peixes frequentemente trazia as sardinhas que tinha comprado. Com alegria, mandou levar os referidos peixes ao Mestre, acreditando que ele ficaria satisfeito com o alimento desejado, providenciado para ele, graças a Deus. Mas, o doutor, pressentindo mais do que os outros, a altitude da divina deliberação e consciente disto, advertindo que se tratava de um grande milagre, concedido a seu apetite pela bondade divina, renunciando comer dos peixes concedidos, disse ao médico: Mestre, é melhor que me entregue à divina providência do que ouse comer destes peixes concedidos pelo poder de Deus e de que tive desejo com tanta vontade. O milagre sobre tais peixes ficou conhecido em toda a região porque muitos comeram e porque o supracitado médico o contou a muitos que ainda permanecem vivos.

– Oh admirável prova da bondade divina, que quis atender até mesmo o apetite de seu devoto, em sinal de que este nunca concedera a seu apetite o que se

² Ao pé da letra “na França”, isto é, na Ilha de França, a região de Paris. BERNARDO GUY, 1968, §107, p. 172, diz: “Talvez comesse, se houvesse, mas nestas partes não há, arenques, como são servidos em Paris”.

oporaria à razão. Oh admirável gratidão do benefício divino no supracitado doutor, que ao merecer da benevolência divina experimentar o saciamento de seu desejo, renunciou o desejado, segundo o exemplo de Davi, que renunciou provar da água desejada, que a lealdade dos três mais fortes obteve por milagre de Deus³.

Um monge da abadia de Fossa Nova, distante cerca de 10 Km de Maenza, Pedro de Monte de São João, atestou no processo de canonização de Tomás em Nápoles que estava presente e comeu dos arenques e que Tomás também comeu, bem como os acompanhantes deste e os outros religiosos e seculares, inclusive a condessa Francisca. Pedro lembrava-se também do nome do peixeiro (Bordonário) e testemunhou que se tratavam de arenques mesmo, pois ele tinha visto na cúria papal de Viterbo arenques salgados e os que foram servidos eram semelhantes. Reginaldo, de acordo com Pedro, tinha também visto e comido arenques frescos, além dos Alpes e testemunhou que se tratavam de arenques mesmo. Enfim, Pedro disse que estes foram preparados ensopados e assados (*elissas in brodio et etiam assatas*) (Processus canonizationis sancti Thomae Aquinatis, In FERRUA, 1968, §147 L., p. 274-276).

Várias testemunhas do processo de canonização em Nápoles mencionaram entre as características de Tomás sua sobriedade: nunca pedia pratos especiais, ficando contente com o que lhe era servido; comia sempre no refeitório comum e uma só vez por dia⁴. Assim, este último desejo de Tomás representaria algo de pouquíssimo comum ou de inexistente em seu comportamento costumeiro.

Por outro lado, os arenques e o bacalhau eram os peixes mais consumidos no século XIII, sem esquecer as sardinhas, o atum e as enguias (LEPIKSAK, 1982, p. 66-73). Podiam ser consumidos frescos na Europa atlântica e salgados ou defumados no interior da Europa e nos países do Mediterrâneo. A pesca de arenques e bacalhau movimentava um setor importante da economia nos séculos XIII e XIV. Além da alimentação, o bacalhau e o arenque contribuíam para a produção de óleo na Europa do norte, onde o óleo de oliva era substituído pelo óleo de fígado de bacalhau ou de tubarão, sendo também obtido a partir das sobras dos pesqueiros de arenque. Ingleses,

³ Cf. II Samuel, 23, 13-17. No processo de canonização de Tomás teria havido quem julgasse que os milagres obtidos por sua intercessão não eram suficientemente numerosos. Então o papa João XXII teria dito “que ele fez tantos milagres quantos artigos escrevera”. Ver a respeito MANDONNET, 1934, p. 38-39.

⁴ Por exemplo, o testemunho de João Blásio (p. 303-304), embora seu testemunho comporte, sob outros aspectos, detalhes talvez um pouco fantasistas. Outros testemunhos: Tiago de Caiatia (p. 260), Pedro de Santa Felice (p. 264), Conrado de Suessa (p. 268), Guilherme de Tocco (p. 287), Leonardo de Gaieta (p. 311), João de Gaieta (p. 335), João de Buiano (p. 336), Pedro de Caputio (p. 340), Martinho de Apicio (p. 343) (In FERRUA, 1968).

gauleses e belgas vendiam o produto da pesca em mercados ou portos. O mais famoso destes foi o de Great Yarmouth no leste da Inglaterra. O consumo de bacalhau e arenques era tão grande que restaram apreciáveis depósitos de ossos dos mesmos, por exemplo, na beira-mar do sul da Suécia.

No entanto, a fome sempre assolou a Idade Média. A necessidade de tudo produzir, mesmo em condições desfavoráveis de clima e de terra, o caráter pouco desenvolvido das técnicas agrícolas, a base da alimentação apenas de cereais (trigo, centeio, cevada), a precariedade das estradas e dos meios de transporte, as más condições de estocagem, as variações do clima (secas ou chuvas excessivas) estavam entre os fatores que faziam da fome e da má nutrição ameaças frequentes ou até mesmo permanentes. A presença da fome é testemunhada por frequentes milagres alimentares atribuídos aos santos (Bento, Tiago, Domingos etc.). A literatura está cheia de episódios que dizem respeito à comida. As aventuras do Raposo do *Roman de Renard* são frequentemente furto de comida. Por exemplo, o sétimo episódio do primeiro livro fala de “Como Raposo encontrou vendedores de peixe e de como ele obteve sua parte dos arenques e das enguias” (Ed. HAUMONT, 1966, p. 57)⁵. A terra da felicidade, o País da Cocanha, é uma terra de abundância dos melhores manjares; todo mundo não precisa trabalhar e pode se dedicar a grandes comilanças e bebedeiras⁶.

Um paralelo bíblico podia ser encontrado em episódios como o maná (Ex 16, 4) e a multiplicação dos pães, pelo profeta Eliseu (2Rs 4, 42-44) e pelo próprio Jesus (Mc 6, 32-44; Jo 6, 1-15). A época messiânica é representada por um grande banquete (Is. 25, 6; Mt 8, 11). Jesus proclama a chegada desta ao deixar de lado os interditos de comensalidade do judaísmo contemporâneo; todos, sobretudo os desclassificados como os cobradores de impostos e as prostitutas, são chamados a participar do banquete do reino (Lc 15, 1-2; Mt 9, 10-13)⁷.

Assim a plenitude da humanidade, no seu encontro final com Aquele de quem ela proveio, é simbolizado pela alegria da convivência num banquete em que se degustam manjares excepcionais e vinhos preciosos. Não seria fora de propósito lembrar aqui pelo menos dois filmes: *A festa de Babete* e o brasileiro *Estômago*.

⁵ Cf. LE CORNEC, 2007, p. 11-22.

⁶ Sobre tudo isso ver LE GOFF, 1995, v. I, p. 280-297. Sobre a cocanha, FRANCO JR., 1992, p. 23-52.

⁷ No milagre de Caná (Jo 2, 6), de acordo com uma nota da Bíblia de Jerusalém (Ed. Paulinas, 1981), segundo a qual a medida (*metretes* em grego, *bath* em hebraico) equivale a 40 litros e tendo em conta que havia 6 talhas com 2 ou 3 medidas, Jesus transformou em vinho, de 480 a 720 litros de água, quantidade verdadeiramente messiânica, sem falar que o vinho era de excelente qualidade.

Tomás de Aquino fala do prazer em geral, cuja forma mais refinada é a alegria, como algo que supera a sucessão e o tempo – ele é *totum simul* (completamente simultâneo), como a eternidade, assim definida por Boécio: “a posse total, simultânea e perfeita da vida sem fim”⁸. Na I^aII^{ae}, questão 31, artigo 1, se diz na justificação da definição do prazer:

Pelo fato de que é dito ‘totalmente simultâneo’ mostra que sua constituição não deve ser tomada na medida que está se constituindo, mas na medida em que está constituído, como que no término do movimento; com efeito, o prazer não é uma gênese, como Platão sustentou [Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VII, 12, 1153a13; *Filebo*, 53C], mas antes consiste no ser acabado, como diz na *Ética*, VII [12, 1153a12].

O artigo segundo desta mesma questão pergunta explicitamente “Se o prazer está no tempo” e a resposta final é que

Compete dizer que o prazer, de acordo consigo mesmo não está no tempo; com efeito, o prazer é o gozo do bem já alcançado, que é como que o término do movimento. Mas, se este bem alcançado está submetido à mudança, o prazer estará por concomitância no tempo. Se, porém, for completamente imutável, o prazer não estará no tempo, nem por si, nem por concomitância.

O artigo terceiro pergunta se o prazer se distingue da alegria. Tomás parte da afirmação de Avicena, no seu tratado *Sobre a alma* [parte IV, cap. 5, 21ra], de que a alegria é uma espécie de prazer. Relembra, então, o que estabeleceu na I^aII^{ae}, q. 30, a. 3, isto é, que há desejos naturais e não-naturais; estes últimos acompanham a razão. Daí deriva que há também prazeres naturais e não-naturais, que são com a razão. Tem em conta também que Damasceno [*Fé ortodoxa*, Liv. 2, cap. 13] e Gregório de Nissa [Nemésio de Emesa, *Sobre a natureza do homem*, cap. 18] falam de prazeres corporais e animais, o que dá no mesmo:

De todo modo, deleitamo-nos naquilo que desejamos naturalmente, ao alcançá-lo e também naquilo que desejamos de acordo com a razão. Mas o nome de alegria não tem lugar senão no prazer que acompanha a razão. Daí, não atribuímos alegria aos animais brutos, mas apenas o nome de prazer. Assim, tudo o que desejamos de acordo com a natureza, podemos também desejar com prazer da razão; mas não o inverso. Daí, a respeito de tudo de que há prazer, pode também haver alegria nos que têm a razão, embora alguém sinta algum

⁸ *Consolação da filosofia*, Liv. V, prosa 6. Cf. TOMÁS DE AQUINO, I^a, q. 10, a. 1.

prazer de acordo com o corpo, sobre o qual não se alegra de acordo com a razão. De acordo com isso, é patente que o prazer é mais amplo que a alegria.

A resposta ao terceiro argumento inicial explica os diferentes nomes pertinentes ao prazer. Todos foram dados a partir dos efeitos do “prazer” (*delectatio*). ‘Jovialidade’ (*laetitia*) foi dado a partir da dilatação do coração, como se fosse dito “largura” (*latitia*); “exultação” (*exultatio*) se diz a partir dos sinais exteriores do prazer interior, que aparecem exteriormente na medida em que a alegria interior salta para o exterior; ‘encanto’ (*jucunditas*) se diz a partir de certos sinais ou efeitos especiais da jovialidade. Todos estes nomes parecem terem pertinência com a alegria, pois não os usamos senão nas naturezas racionais.

Entre os prazeres, aquele que nos daria melhor um prelúdio do que será a beatitude eterna na visão de Deus, seria o gosto. É no *Comentário aos Salmos*⁹ que Tomás põe em relevo o prazer do sabor ao se experimentar uma comida ou bebida, como uma experiência¹⁰ que possibilita um antegozo da felicidade eterna. Comentando o Salmo 10, n. 16, ele diz:

A doçura no que é espiritual é dita em sentido figurado. Com efeito, como a doçura corporal agrada o gosto carnal, o que agrada interiormente o espírito [*mens*] é também denominado doçura. Ora, acontece às vezes que o gosto carnal que não está bem disposto se compraza em um sabor corrompido e, então, ele se compraz falsamente; desta sorte, a afeição humana, quando ela não está bem ordenada, se compraz em uma coisa que não é verdadeiramente agradável. Mas, se ela está bem disposta, ela se compraz no bem verdadeiro, a saber, o divino. Assim, a bondade substancial de Deus é denominada doçura de Deus – Sb 16, 21 “tua substância e tua doçura, que tu tens por teus filhos, tu a mostravas”.

De maneira mais eloquente, pondo em jogo o contraste entre a visão e o gosto, o comentário do Salmo 33, 9 acrescenta:

Com efeito, exorta-se primeiro à experiência. Em seguida, o salmo indica o efeito da experiência: *e vede que*. Ele diz, pois, *provai e vede*. A experiência a respeito de uma coisa é feita pelo sentido, mas de uma maneira a respeito de uma coisa presente e de uma outra, a respeito da ausente. Já que, a respeito da coisa ausente, a experiência é feita pela vista, pelo olfato e pelo ouvido; a respeito da coisa presente, a experiência é feita pelo tato e pelo gosto; pelo tato, a respeito da coisa exterior presente, pelo gosto, a respeito da coisa interior. Ora, Deus não está longe de nós, mas em nós: *Jeremias* 14, 9 o “Tu estás em nós

⁹ Referências em seguida.

¹⁰ TORREL, 1996, p. 123-132. Cf. ELIZONDO, 1992, p. 5-50; p. 189-229.

Senhor”. É por isso que a experiência da bondade divina é denominada gustação: *I Pedro* 2, 3 “Se, porém, vós experimentais como Ele é agradável etc.”; *Provérbios*, último capítulo: “Ele experimentou e viu, porque sua relação é boa”. Ele indica portanto dois efeitos da experiência: um é a certeza do intelecto e o outro a segurança da afeição. Quanto ao primeiro, ele diz “e vede”, pois, no que é corporal, primeiramente se vê e depois se prova, mas nas coisas espirituais, primeiramente se prova e depois se vê, pois quem quer que não prove, não vê. Por isso, ele diz primeiramente *provai* e depois *vede*. Quanto ao segundo, ele diz “pois agradável é o Senhor”. *Sabedoria* 12, 1 (Vulgata): “Oh, como é bom e agradável Senhor, o teu espírito em nós. *Salmo* 30, 20: “Como é grande a multidão de tuas doçuras”; depois: “Bem-aventurado o homem que nele espera”; *Isaias*, 30, 18b: “Bem-aventurados todos os que o aguardam”¹¹.

Estes últimos textos nos permitem adivinhar um pouco o temperamento ou a índole de Tomás. Homem de grande contemplação, todo voltado para Deus, mas bem fincado neste mundo feito de matéria e de necessidades humanas, do qual ascendemos sobretudo pela afeição (em sua forma cristã o ágape – caridade) e pelo recurso a uma linguagem, antes sugestiva do que friamente conceitual¹².

Se Tomás tivesse tido poderes premonitórios e pudesse ter sabido como se tornaria um pomo de discórdia entre dominicanos, franciscanos e muitos outros poderia ter cantado para Reginaldo o samba de Noel Rosa, *Último desejo*¹³. Algumas modificações na letra seriam necessárias:

Nossa amizade que eu não esqueço,
E que teve o seu começo,
Durante uma longa lição.
Morre hoje sem cadeira,
Sem pena e sem carteira,
Sem tinta, sem mata-borrão.

Perto de você me calo,
Tudo penso e nada falo,
Tenho medo de chorar.
Nunca mais quero o seu manejo,
Mas meu último desejo,
Você não pode negar.

¹¹ No Sermão da Montanha (Mt 5, 13-16) se diz que os discípulos são “sal da terra” (gosto) e “luz do mundo” (vista). Devo esta lembrança a frei Márcio Couto O.P., Homilia em 30-08-2015, celebração de São Domingos padroeiro da paróquia de São Domingos em São Paulo, Perdizes.

¹² Cf. HUBERT, 1997, p. 725-739.

¹³ Pode ser ouvido em: <https://www.youtube.com/watch?v=LY08poPk7mU>

Se alguma pessoa amiga,
Pedir que você lhe diga,
Se você me quer ou não,
Diga que você me adora,
Que você lamenta e chora
A nossa separação.

Às pessoas que me detestam,
Diga que meus textos não prestam,
Que meu convento é a taverna.
Que eu arruinei seus achados,
Que não mereço os ditados,
Que você copiou em letra moderna.

Mas há em tudo isso um não dito: os prazeres do tato entre os quais, principalmente, os do sexo. Tomás os associa ao gosto e reconhece sua força¹⁴. Sto. Tomás sendo um frade dominicano tinha feito os três votos de obediência, castidade e pobreza. Esta circunstância deve ter contribuído para excluir referências mais explícitas ao tato. Deve ter também contribuído para que ele se conformasse à opinião difundida sobre o paraíso islâmico de caráter carnal, não advertindo para a linguagem simbólica. É conhecida a passagem da *Suma contra os gentios* (I, 6, § final; *Hi vero*):

Na verdade, aqueles que estabeleceram seitas de erros procederam por um caminho contrário [ao do Cristianismo], como é manifesto em Maomé, que aliciou os povos pela promessa dos prazeres carnis, cujo desejo a concupiscência carnal incita. Transmitiu também preceitos conforme ao prometido, dando rédea ao prazer carnal, no que é obedecido de pronto por indivíduos carnis.

O curioso é que esta crítica de Tomás corresponde exatamente à que ele faz aos muçulmanos incapazes de entender a geração em Deus, conforme o opúsculo *As razões da fé*¹⁵.

Depois de tantas idas e vindas, voltemos um pouco mais diretamente a Tomás. Todos já ouviram falar do episódio, talvez único, um pouco rocambolesco de sua vida, a

¹⁴ Ver, por exemplo, II^aII^{ac}, questão 141, artigo 4.

¹⁵ *As razões da fé, contra os sarracenos, gregos e armênios, para um cantor antioqueno*, cap. 3. Quanto às descrições do paraíso no Alcorão ver *Sura* 556, 8-56. Outras passagens são indicadas em GNILKA, 2006, p. 184. Para a interpretação destas passagens ver: AVERROIS, 2005, § 43-45, 53-55.

sedução que teria sido armada por sua família para fazê-lo deixar a ordem dominicana. Recorramos de novo a Guilherme de Tocco.

Pensaram seus irmãos vencê-lo por um outro gênero de ataque, pelo qual as torres são abaladas, as pedras amolecidas e os cedros do Líbano costumavam ser arrancados pela tempestade. No qual encontramos todos lutadores, mas poucos vencedores diante da dificuldade. Então, mandaram para ele sozinho no quarto, no qual dormia sob vigilância, uma moça muito bonita adornada, enfeitada como uma prostituta, que o levasse, pelo aspecto, carícias, brincadeiras e outros modos de que fosse capaz, a pecar. A qual, quando a viu, o lutador invicto, que já tinha recebido para si como esposa a sabedoria de Deus, cujo amor exalava, sentindo em si surgir o estímulo da carne, que sempre tivera submisso à razão, permitindo-o o conselho da divina providência, para que o triunfo no combate lhe surgisse mais glorioso, tomando furioso um tição do fogareiro, pôs para fora a jovem com indignação e dirigindo-se para um canto do quarto, no fervor do espírito, traçou na parede com a ponta do tição o sinal da cruz. Prostrado por terra pediu em oração com lágrimas a Deus o cingulo da virgindade perpétua, que lhe concedera conservar incorrupto na luta. O qual, como estivesse rezando em lágrimas, subitamente adormeceu; eis que dois anjos foram enviados do céu e asseveraram-lhe que fora ouvido pelo Senhor e tinha obtido o triunfo em luta tão difícil. Cingindo-o em torno dos rins disseram: eis que te cingimos da parte de Deus, o que pediste, com o cingulo da castidade, que não poderá além disso ser destruído por nenhum ataque. Isto, que não pode ser obtido pela virtude humana te é concedido como dom da divina liberalidade. Cingulo do qual certo esteve de nunca ter experimentado em si a fratura, como se dirá abaixo; o que foi verificado pela atestação de seus confessores na morte. Pois, sua virgindade, que conservou invicta em tão grave luta, não pôde experimentar que tivesse sido violada até sua morte. Daí que a partir de então sempre evitou o olhar das mulheres e evitou tanto quanto pôde o sentar-se junto com elas. Costumava por isso admirar-se ao máximo e era seu hábito interrogar homens dedicados às divinas especulações, que pudessem perder muito tempo sentando-se com as mulheres em longas conversas, a não ser que ocorresse algum negócio muito útil por motivo de necessidade ou fosse urgente falar sobre Deus ou sobre o que diz respeito a Ele. Como sentisse uma forte dor no aperto do toque dos anjos e tendo soltado um grito, perguntaram por que ele tinha gritado. Não quis revelar o dom a si concedido divinamente, mas que devia ser manifestado, e até sua morte conservou-o oculto. O que revelou a seu secretário, que para louvor de Deus e engrandecimento do santo, contou a muitos como exemplo (*Hystoria beati Thomas de Aquino di Guglielmo di Tocco*, In FERRUA, *Op. cit.*, § 11, p. 41-42)¹⁶.

¹⁶ Para uma análise histórica do episódio: MANDONNET, 1925, aqui p. 228-236.

Em 1652, o papa Inocência X criou a “Milícia Angélica”, dedicada à proteção da castidade. Os seus membros usam, à imitação de São Tomás de Aquino, um cinturão bento (FERRERES, 1952, *Verbete Confrarias del cingulo o cinturón*, Tomo II, col. 815). Quem sabe, pior talvez, só a devoção ao prepúcio de Jesus (**Enciclopedia universal Ilustrada**, 1922, *Verbete Prepucio*, Tomo 47, p. 173). Ver também, CABROL e LECLERCQ, Tomo 3, 2ª parte, *Verbete circoncisión*, cols. 1715-1717; Tomo 14, 2ª parte, *Verbete Reliques*, cols. 2310-2312.

Talvez o Tomás adulto fosse um tanto tranquilo quanto a esse aspecto. Teria até tido mais êxito que são Domingos. De fato, em sua confissão pública em seus últimos momentos, como relata o beato Jordão da Saxônia em seu *Memorial sobre os inícios da ordem dos pregadores*:

Estando no leito da dor, chamou doze dos frades mais avisados e começou a exortá-los ao fervor, ao zelo pela Ordem e à perseverança na santidade, inculcando-lhes que evitassem todo trato que pudesse parecer suspeito com as mulheres, sobretudo jovens. Porque é sempre agradável e muito adequado para seduzir as almas ainda não purificadas (Isaías, 1, 25). Acrescentou: “a mim, até este momento, a misericórdia divina me conservou na incorrupção da carne. Confesso, no entanto, não ter me livrado da imperfeição de ter gostado mais de conversar com as jovens do que com as mulheres de muita idade” (GELABERT; MILAGRO; GARGANTA, 1947, caps. 54, 199)¹⁷.

Como J.-P. Torrel notou, Tomás não teve amizades femininas, como vários santos, inclusive o beato Jordão de Saxe com a beata Diana d’Andalo e o próprio são Domingos com a monja Cecília Romana, para não falar de Francisco e Clara (Cf. TORRELL, 1996, p. 414). Seu grande amigo foi mesmo Reginaldo de Piperno. Tomás certamente não tinha o antifeminismo raivoso de muitos autores entre o século XIV e o XVIII, mas participava da atitude tradicional diante das mulheres e, por precaução (medo?), preferia manter uma distância regulamentar¹⁸. O que talvez indique que sua tranquilidade, antes mencionada, não seria assim tão tranquila. De todo modo, uns arenques à moda parisiense lhe diziam alguma coisa. Não eram apenas lembrança de uma comida deliciosa. O céu da boca¹⁹ indicava o céu puro e simples.

REFERÊNCIAS

¹⁷ Houve quem achasse inconveniente. No capítulo geral da ordem em 1242 lê-se: “Admoestamos e determinamos que se elimine da *Vida de São Domingos* a passagem em que ele próprio afirma que, embora tenha pela graça divina, conservado a integridade da carne, ainda não tinha podido evitar a imperfeição que consiste em preferir a conversa das jovens às prosas das velhas” (REICHERT, 1898, v. 1, tomo 3, p. 24, lin. 12-15).

¹⁸ Sobre a atitude tradicional, datando da noite dos tempos, Cf. DELUMEAU, 1978. Sobre Tomás, p. 407-408. Note-se que os textos de Tomás citados por Delumeau para mostrar como este considerava a mulher inferior ao homem são tirados de passagens em que algum aspecto desta concepção é tomado para fundamentar uma outra consideração. Este uso parece evidenciar que Tomás estava nestas passagens se baseando numa concepção geral, tida como fato estabelecido. Ver também BLAIS, 2010. Agradeço o professor Magno Vilela por esta referência; o professor Juvenal Savian Filho por uma sugestão redacional e pelas correções de digitação; os professores Francisco Catão e Mauro Amatuzzi pelo incentivo.

¹⁹ Cf. ELEK et allí, 2006. O que não deixa de ter ressonâncias proustianas (as famosas madelaines). Como abaixo do Equador tudo funciona às avessas, os irmãos Hering vêm, não de uma família de pescadores, mas de uma família de tecelões.

Alcorão. Tradução e notas de Samir El Hayek. São Paulo; Marsam, 1994.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981.

Enciclopedia Universal Ilustrada. Madri: Espasa-Calpe, 1922.

AVERROIS. *Discurso decisivo, isto é, O Livro da sentença de determinação e decisão do que há entre a lei e a sabedoria, quanto à conexão.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BERNARDO GUY. *Legenda Sancti Thomae Aquinatis.* In FERRUA, A. **S. Thomae Aquinatis Vitae Fontes Praecipuae.** Alba: Edizione Domenicane, 1968.

BLAIS, M. **Thomas d'Aquin et la femme.** Chicoutimi: Edition Électronique, 2010.

BOÉCIO. **Consolação da filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CABROL, F. e LECLERCQ, H. (Eds.). **Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie.** Paris : Letouzey et Ané, 1939-1950.

DELUMEAU, J. **La peur en Occident.** Paris: Fayard, 1978.

ELEK, E. M. *et ali.* **O céu da boca.** São Paulo: Ágora, 2006.

ELIZONDO, F. Conocer por experiencia, un estudio de sus modos y valoración en la Summa Theologica de Tomás de Aquino. **Revista Española de Teología.** v. 54, 1992.

FERRERES, R. D. (Dir.). **Enciclopédia de la religión católica,** Barcelona: Dalmau y Jover, 1952.

FERRUA, A. (Org.). **S. Thomae Aquinatis Vitae Fontes Praecipuae.** Alba: Edizione Domenicane, 1968.

FRANCO JR., H. **As utopias medievais.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

GELABERT, M.; MILAGRO, J. M.; GARGANTA, J. M. (Eds.). Memorial sobre os inícios da ordem dos pregadores, In: **Santo Domingo de Gusmán.** Madri: B.A.C., 1947.

GNILKA, J. **Bíblia e Alcorão.** São Paulo: Loyola, 2006.

GUILHERME DE TOCCO. *Hystoria beati thome de aquino.* In FERRUA, A. **S. Thomae Aquinatis Vitae Fontes Praecipuae.** Alba: Edizione Domenicane, 1968.

HAUMONT, J. (Ed.). **Le roman de renard.** Texte de Paulin Paris. Paris: Editions Pierre Belfond, 1966.

HUBERT, M. L'humour de saint Thomas d'Aquin en face de la scolastique. In Indem (Ed.) **1274, Année charnière, Mutations et continuités.** Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1997.

LE CORNEC, C. Les envies de poisson dans la littérature médiévale. **Questes**, nº 12, p. 11-22, 2007.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Ed. Estampa, 1995.

LEPIKSAAK, J. Fisheries, Marine. In STRAYER, J. R. (Ed.). **Dictionary of the Middle Ages**. New York: Charles Scribner's Sons, v. 5, p. 66-73, 1982.

_____. Thomas d'Aquin, novice prêcheur (1244-1246). **Revue Thomiste**. v. 30, 1925.

MANDONNET, P. La canonisation de S. Thomas d'Aquin. In **Mélanges Thomistes**. Paris: Publiés par les dominicains de la province de France, 1934.

REICHERT, B. M. (Ed.). Atas dos capítulos gerais da Ordem dos Pregadores, 1242. In: **Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Historica**, Tomus III, Acta capitulorum generalium. Roma: Ex Typographia Polyglotta S.C. De Propoganda Fide, 1898.

TOMÁS DE AQUINO. **Super Psalmos**. Texto estabelecido por Roberto de Busa. Disponível em: <http://www.corpusthomicum.org/iopera.html>

_____. **Suma de Teologia**. Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira (Coord.). São Paulo: Loyola, 2001-2006, 9 vols.

_____. **Suma contra os gentios**. Trad. De J. F. Pereira e M. J. Oliveira Camello. São Paulo: Loyola, 2015-2016, 4 vols.

_____. **As razões da fé, contra os sarracenos, gregos e armênios, para um cantor antioqueno**. Trad. de C. A. R. do Nascimento. **Scintilla**, v. 15, n. 1 (jan./jun.), 2018, p. 89-136. Disponível em: <https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla/article/view/55/44>

TORREL, J.-P. **Saint Thomas d'Aquin, Maître spirituel**. Paris; Friburgo: Editions Universitaires de Fribourg, 1996.

WALTZ, A. Le dernier Voyage de saint Thomas d'Aquin. **Nova et Vetera**, v. 36, p. 289-297, 1961.

Segue Comentário

COMENTÁRIOS

COMENTÁRIO DE MÁRCIO FERNANDES DA CRUZ

A Relação do homem medieval com Deus

O texto de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, um dos maiores medievalistas da atualidade, intitulado Arenques Frescos ou meu último desejo, remonta a uma análise que Tomás de Aquino (1225-1274) faz acerca dos prazeres, ou mais precisamente a um comentário ao Décimo Livro da Ética de Aristóteles, bem como da possibilidade da contemplação divina por meio do tato e do gustação.

Ademais, o autor discorre sobre a relação do homem medieval com Deus, considerando o aspecto cultural do século XIII, que pode encontrar várias formas de realização. Neste ponto, ele assinala que para Tomás de Aquino, a forma mais elevada de todas é a experiência de Deus, do conhecimento dele como desconhecido. Trata-se de uma experiência de ordem não conceitual, mas por meio da predileção divina (*caritas*), uma virtude infusa que encontra uma indicação privilegiada na experiência do tato e do gosto. É neste escopo que o autor nos apresenta no presente texto, uma interpretação do último desejo de Tomás de Aquino, em seus últimos dias de vida: comer arenques frescos, que além do bacalhau, as sardinhas, o atum e as enguias, eram os peixes mais consumidos e que movimentava um setor importante da economia nos séculos XIII e XIV, visto que a fome sempre teria assolado a Idade Média (LEPIKSAK, 1982, p. 66-73).

Assim nos assinala um de seus biógrafos, Guilherme de Tocco (1968, §57, p. 104-105)

Enfermo, desviou-se para o castelo de Maenza, que era da Senhora Francisca, sua sobrinha, onde perdeu totalmente o apetite, de modo que não podia provar nenhum alimento. Perguntado pelo médico, mestre João de Guido de Piperno, se apeteceria algum alimento, disse que não era capaz de provar nenhum alimento senão arenques que tinha comido em Paris; o médico ficou preocupado sobre como poderia prestar ajuda a um tão grande doutor, enfermo, pois não poderia encontrar tais peixes. Saindo para o pátio do castelo, encontrou alguém que trazia de Terracina uma carga de sardinhas frescas. Tendo feito pô-la no chão para verificar se outros peixes estavam misturados com as sardinhas, encontrou um cesto de arenques frescos. Do que o médico ficou admirado, porque jamais tais peixes tinham sido vistos naquelas partes e porque o transportador dos peixes frequentemente trazia as sardinhas que tinha comprado. Com alegria, mandou levar os referidos peixes ao Mestre, acreditando que ele ficaria satisfeito com o alimento desejado, providenciado para ele, graças a Deus. Mas, o

doutor, presentindo mais do que os outros, a altitude da divina deliberação e consciente disto, advertindo que se tratava de um grande milagre, conhecido a seu apetite pela bondade divina, renunciando comer dos peixes conhecidos, disse ao médico: Mestre, é melhor que me entregue à divina providência do que ouse comer destes peixes concebidos pelo poder de Deus e de que tive desejo com tanta vontade. O milagre sobre tais peixes ficou conhecido em toda a região porque muitos comeram e porque o supracitado médico o contou a muitos que ainda permanecem vivos. – Oh admirável prova da bondade divina, que quis atender até mesmo o apetite de seu devoto, em sinal de que este nunca concedera a seu apetite o que se oporia à razão. Oh admirável gratidão do benefício divino no supracitado doutor, que ao merecer da benevolência divina experimentar o saciamento de seu desejo, renunciou o desejado, segundo o exemplo de Davi, que renunciou provar da água desejada, que a lealdade dos três mais fortes obteve por milagre de Deus.

Outro aspecto relevante no texto de Carlos Arthur é que o contexto da fome na Idade Média pode ser analisado com a presença de inúmeros milagres relativos à comida, atribuídos a alguns santos, tais como (Bento, Tiago, Domingos etc.). Desse modo, é possível fazer um paralelo com alguns episódios da literatura bíblica como o maná no deserto (Ex 16, 4) e a multiplicação dos pães, pelo profeta Eliseu (2Rs 4, 42-44) bem como pelo próprio Jesus (Mc 6, 32-44; Jo 6, 1-15). Não obstante, observa-se que a época messiânica é representada por um grande banquete (Is 25, 6; Mt 8, 11), onde Jesus deixa de lado os interditos de comensalidade do judaísmo contemporâneo; todos, sobretudo os desclassificados como os cobradores de impostos e as prostitutas, são chamados a participar do banquete do reino (Lc 15, 1-2; Mt 9, 10-13). Desse modo, compreende-se que a plenitude da humanidade, em seu encontro final com Deus, é simbolizado pela alegria da convivência num banquete em que se degustam majares excepcionais e vinhos preciosos.

Em se tratando do prazer, o autor nos assinala que Tomás de Aquino discorre sobre o conceito de tal tema na I^aII^{ae}, q. 31, a. 1. A forma mais refinada do prazer é a alegria como algo que supera a sucessão e o tempo – “ele é *totum simul* (completamente simultâneo), como a eternidade segundo Boécio: “a posse total, simultânea e perfeita da vida sem fim” (*Consolação da Filosofia*, Liv. V, prosa 6. Cf. TOMÁS DE AQUINO, I^a, q. 10, a. 1.).

Pelo fato de que é dito ‘totalmente simultâneo’ mostra que sua constituição não deve ser tomada na medida que está se constituindo, mas na medida do movimento; com efeito, o prazer não é uma gênese, com Platão sustentou [Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VII, 12, 1153a 13; *Filebo*, 53C], mas antes consiste no ser acabado, como diz na *Ética* VII [12, 1153a 12].

Para Tomás de Aquino, entre os prazeres, o gosto seria aquele que melhor nos apresenta a beatitude eterna na visão de Deus (*Visio Dei*). Em seu comentário aos Salmos, Tomás evidencia o prazer do sabor ao experimentar uma comida ou bebida, como uma experiência que possibilita um antegoço da felicidade eterna.

A doçura no que é espiritual é dita em sentido figurado. Com efeito, como a doçura corporal agrada o gosto carnal, o que agrada interiormente o espírito [mens] é também denominado doçura. Ora, acontece às vezes que o gosto carnal que não está bem disposto se compraza em um sabor corrompido e, então, ele se compraz falsamente; desta sorte, a afeição humana, quando ela não está bem ordenada, se compraz em uma coisa que não é verdadeiramente agradável. Mas, se ela está bem disposta, ela se compraz no bem verdadeiro, a saber, o divino. Assim, a bondade substancial de Deus é denominada doçura de Deus – Sb 16, 21 “tua substância e tua doçura, que tu tens por seus filhos, tu a mostravas” (Sl 10, 16).

De igual modo, o Salmo 33, 9 apresenta um contraste entre a visão e o gosto:

Com efeito, exorta-se primeiro à experiência. Em seguida, o salmo indica o efeito da experiência: e vede que. Ele diz, pois, provai e vede. A experiência a respeito de uma coisa é feita pelo sentido, mas de uma maneira a respeito de uma coisa presente e de uma outra, a respeito da ausente. Já que, a respeito da coisa ausente, a experiência é feita pela vista, pelo olfato e pelo ouvido; a respeito da coisa presente, a experiência é feita pelo tato e pelo gosto, a respeito da coisa interior. Ora, Deus não está longe de nós, mas em nós: Jeremias 14, 9 o “Tu está em nós Senhor”. É por isso que a experiência da bondade divina denominada gustação: 1 Pedro 2, 3 “Se, porém, vós experimentais como Ele é agradável etc.”; Provérbios, último capítulo: “Ele experimentou e viu, porque sua relação é boa”. Ele indica portanto, dois efeitos da experiência: um é a certeza do intelecto e o outro a segurança da afeição. Quanto ao primeiro, ele diz “e vede”, pois, no que é corporal, primeiramente se vê e depois se prova, mas nas coisas espirituais, primeiramente se prova e depois se vê, pois quem quer que não prove, não vê. Por isso, ele diz primeiramente provai e depois vede. Quanto ao segundo, ele diz “pois agradável é o Senhor”. Sabedoria 12, 1 (Vulgata): “Oh, como é bom e agradável Senhor, o teu espírito em nós. Salmo 30, 20: “Como é grande a multidão de tuas doçuras”; depois: “Bem-aventurado o homem que nele espera”; Isaías, 30, 18b: “Bem-aventurados todos os que o aguardam”; e em Mt 5, 13-16 se diz que os discípulos são “sal da terra” (gosto) e “luz” do mundo (vista).

Por fim, o autor nos apresenta sua interpretação mais distinta do episódio dos fins da vida de Tomás de Aquino ao desejar arenques frescos, e ao mesmo tempo sua relação com a contemplação divina ao ter provado e visto quão suave é o Senhor, depositando n’Ele sua confiança - “Não eram apenas lembranças de uma comida desejada e deliciosa. O céu da boca indicava o céu puro e simples”.

Márcio Fernandes da Cruz

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2012-2014). Doutorando em Filosofia pela UFU (2022-). Especialista em Ciências da Religião pelo Instituto Passo 1 (2017). Membro do Colegiado do Centro Internacional de Estudos Medievais da Universidade Federal de Uberlândia (CIDEMUFU) desde Agosto de 2018. Possui experiência na área de Filosofia Geral, com ênfase em Filosofia Antiga e Medieval e se dedica à investigação do pensamento filosófico, educacional e teológico de Tomás de Aquino.

E-mail: fernandesmedievo@yahoo.com.br